

## A Inteligência Artificial sob o espectro da Esfinge

Orlando Hardt Jr.<sup>1</sup>

Patrícia de Campos Lindenberg Schoueri<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho aproxima o *Projeto para uma Psicologia Científica* de Freud (1895) da tecnologia moderna. Tem o intuito de ampliar a apreensão da influência do meio ambiente sobre a mente humana, considerando especificamente a Inteligência Artificial.

**Palavras-chave:** Projeto para uma psicologia científica; Inteligência Artificial; Metapsicologia; Esfinge; Algoritmo.

### ARTIFICIAL INTELLIGENCE UNDER THE SPHINX'S SPECTER

**Abstract:** This work draws a parallel between Freud's Project for a Scientific Psychology (1895) and modern technology. It aims to broaden our understanding of the influence of the environment on the human mind, specifically considering Artificial Intelligence.

**Keywords:** Project for a Scientific Psychology; Artificial Intelligence; Metapsychology; Sphinx; Algorithm.

## Introdução

É delicado o emprego de frases atribuídas a cientistas, pois, afinal, elas estão fora do contexto original em que foram utilizadas. Contudo, é inevitável não lembrar de Max Planck, quando diz que quando mudamos o jeito de ver as coisas, as coisas que vemos mudam.

Propomos uma aproximação entre a obra *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1969 [1895]) e o desenvolvimento da recente ciência denominada Inteligência Artificial (Viana, 2024), doravante IA. Utilizamos esse artigo freudiano que enfatiza o impacto que o meio ambiente exerce sobre o organismo e como o organismo reage ao meio. Em paralelo, podemos pensar em como reagimos à IA, se a considerarmos parte de nosso ambiente. Nesta proposta, a IA, que seria uma ferramenta de auxílio, parece ironicamente pesar hoje sobre nós como um signo aberto, próximo àquele de um “terror sem nome”.

Esse artigo se assenta sobre a diacronia e a sincronia, ou seja, é relativo ao estudo e compreensão da evolução de fatos através do tempo e da existência desses mesmos fatos em nosso próprio tempo. Fatos encontrados na IA são considerados como transformações diante das relações que estabelecemos a partir do artigo de 1895, além

---

<sup>1</sup> Médico e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E-mail: [orlandohardt@yahoo.com](mailto:orlandohardt@yahoo.com).

<sup>2</sup> Professora doutora em Psiquiatria e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E-mail: [patriciashoueri@yahoo.com](mailto:patriciashoueri@yahoo.com).

da percepção da existência de algum paralelo entre a IA e o funcionamento mental proposto por Freud naquele artigo.

O *Projeto* não é um conjunto acabado e as ideias nele contidas detêm um estatuto muito atual que nos ajuda a ilustrar aspectos da IA. O interesse, neste curto ensaio, é repensar o artigo freudiano quanto ao seu conteúdo, colocando-o frente a frente com a IA. Assim, mudamos o jeito de ver as coisas, oferecendo um subsídio a quem busca compreender seu tempo, na prática e através da ciência para, quem sabe, não se perder nele.

### O *status quo*

O *Projeto* surgiu em 1895, rascunhado por Freud em uma viagem de trem. Ficou esquecido por mais de 40 anos, ressurgindo pelas mãos de Marie Bonaparte, sendo publicado em 1950. Muitos enfrentam o *Projeto* e igualmente a IA como esfinges, entidades híbridas, enigmáticas, com corpo de animal, cabeça humana, seios de mulher e garras leoninas. Ignorá-las ou não tentar compreendê-las impossibilita o encontro com a psicanálise e, no caso da IA, com a atualidade. Se usarmos essa quimera que está no início do trajeto da teoria psicanalítica, poderemos apreender ou decifrar a IA como uma nova fronteira para futuras navegações? Ou tomá-la como progresso para que o homem venha a conhecer mais a si mesmo?

O ensaio *A Natureza*, de autoria de Goethe ou Tobler (1783), foi inspirador para Freud na escrita de seu artigo em 1895. Freud afirma que o *Projeto* seria um ramo da ciência natural. Sendo assim, se o *Projeto* está sob a sombra da Ciência da Natureza, a IA também estaria sob essa mesma sombra?

Percebemos que o *Projeto* não se filia totalmente nem à Ciência da Natureza nem à Ciência do Espírito hegeliana, e não sabemos ao certo a que Freud se referia quando usava o termo natureza. Podemos pensar que o *Projeto* também encarna uma quimera, pois é constituído tanto por ideias provindas da Ciência do Espírito com Hegel, Schelling, Fichte, Kant e até Leibniz, como por outras provindas da Ciência da Natureza, positivista, como a proposta de Herbart e Exner. Aqui Freud usa um substrato material, orgânico, em que é possível pensar, como propõe Dilthey, com base nas categorias de substância e causalidade para tentar compreender o funcionamento da mente, a consciência que “trabalha a partir das categorias de significação” (Garcia-Roza, 2001, p. 72). Está aí a “fábula neurológica”! A partir dela, Freud deu vida, sentido humano, à matéria.

Inteligência Artificial (IA) é a capacidade que uma máquina tem para reproduzir competências semelhantes às humanas, como o raciocínio, a aprendizagem, o planejamento e, imagina-se, até a criatividade. Criada em 1943, a IA é um modelo computacional semelhante às redes neurais, com a finalidade de que máquinas executem tarefas complexas simulando a inteligência humana, tomando decisões de forma autônoma através de combinações de diversas tecnologias.

A palavra *algoritmo* adveio do nome de um astrônomo e matemático muçulmano que estudou a numeração decimal da Índia. O sentido dessa palavra evoluiu e foi apropriado pela computação eletrônica, passando a significar “uma sequência finita de operações para resolver um problema ou fazer cálculos de modo automático” (Viana, 2024, p. 230).

Alan Turing (1912-1954) foi um pioneiro que elaborou o modelo lógico inspirado em nossa rede de neurônios. Assim, na IA, os algoritmos seguem o conceito de rede neural quando um programador perpetra uma sequência em linguagem adequada para um computador, e a máquina executa as operações prescritas. O extraordinário programa da IA facultado pelos avanços da ciência de dados tem revolucionado o presente e promete mais para o futuro.

Muitos temem que, no futuro, a IA possa ser tomada como a fantástica forma de uma tentativa de substituir o sistema nervoso central, recusando a anatomia e usando as leis da matemática, mas a IA é uma tecnologia que atua na reprodução de padrões de comportamento, de maneira semelhante ao humano; seria outro tipo de fábula — uma fábula neurológica em linguagem algorítmica.

### Proton pseudos

Em seu artigo de 1895, Freud procedeu de forma hipotético-dedutiva, foi dogmático. Se o seguirmos, partiremos de uma falsa premissa, apesar do raciocínio correto, fato denominado por Aristóteles de *proton pseudos*, que significa uma representação enganadora, falsa premissa, mas com alusão a uma verdade. Seria um “construto imaginativo”, e não uma teoria positivista para endereçar a realidade apreendida.

Entre 1887 e 1904, um importante conjunto de documentos da história da psicanálise — 239 cartas — foi trazido a público, revelando os processos que conduziram à concepção de descobertas, como, por exemplo, o *Projeto* e outros construtos freudianos. Em uma das cartas, de 6 de dezembro de 1896, Freud expande o que propôs no *Projeto* e relata que trabalhava com a hipótese de que o nosso psiquismo teria se formado por um sucessivo processo de estratificação, pois, de tempos em tempos, o material presente sob a forma de traços mnêmicos passa por um processo de reordenamento segundo novos nexos, denominado retranscrição. Nessas condições, afirma Freud: “Assim o que há de essencialmente novo na minha teoria é a tese de que a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversos signos variáveis...” (Masson, 1986, pp. 208-216). Consideramos essa carta (52) a nossa primeira ponte entre o *Projeto* e a IA.

Freud teve como ideia principal nesse seu artigo conceber os neurônios como partículas materiais, ou suporte material, e elemento constituinte do aparelho psíquico. Analogamente, conjecturamos que, na IA, os algoritmos substituem os neurônios como unidades separadas, independentes, mas articuladas com as demais, formando uma intrincada conexão, à semelhança da rede neural. Para fins desta proposição, pensamos que ambos são condutores e armazenadores de energia, sendo  $Q$  a quantidade de energia que trafega nas *bahnungs* de ambas as redes. O modo de funcionar dos algoritmos e dos neurônios teria esse isomorfismo, pois ambos tomam elementos emprestados da física e da matemática, criando assim um hipotético arcabouço teórico análogo entre o artigo freudiano e a IA. Dessa forma, se concebermos  $Q$  como uma quantidade de excitação interna ligada a estímulos, poderemos aproximá-la de *quanta* de algoritmos.

Nesse momento, a nossa questão é examinar a energia ( $Q$ ) que circula em ambas as redes, seja no *Projeto*, seja na IA. Embora aparentemente possam se mostrar similares, divergem diametralmente, como demonstra o desenvolvimento da teoria psicanalítica.

Segundo Garcia-Roza (2001, p. 84), no texto *Neuropsicoses de defesa*, Freud escreve que

nas funções psíquicas cabe distinguir algo (cota de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – embora não tenhamos meio de medi-la – algo que é passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga e se difunde pelas marcas mnêmicas das representações como o faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos.

Estamos frente à hipótese econômica da metapsicologia freudiana. Agora podemos distinguir “cota de afeto” de “soma de excitação”. Enquanto a segunda se refere à quantidade de energia circulante, a primeira se refere à intensidade que produz um efeito de criação de uma nova possibilidade de função para o aparelho mental, a consciência. Seria esse o aspecto qualitativo que Freud chama, no *Projeto*, de signos de qualidade. Estes produzem sensação de prazer ou desprazer, afetos. É esse “fator intensivo que se destaca da representação e encontra destinos independentes desta última” (Garcia-Roza, 2001, p. 84).

Propomos que a IA trabalha apenas com o aspecto quantidade (Q), enquanto a mente humana trabalha com quantidade e qualidade, proposta no *Projeto* como “cota de afeto”. Assim, a IA não se organiza a partir das experiências de satisfação e de dor.

### Memória

A IA nunca esquece!

No *Projeto*, Freud lança sua hipótese de como a memória se dá. Para tanto, faz uso de um construto no qual distingue dois tipos de neurônios,  $\Phi$  e  $\Psi$ ; os primeiros totalmente permeáveis a Q, *quantum* de energia; os outros impermeáveis a Q. Assim, a mente teria um funcionamento peculiar: reter e concomitantemente continuar sendo capaz de receber estímulos.

Da mesma forma, a IA trabalha com dados que o sistema armazena e que podem ser considerados como semelhantes à memória humana. Entretanto, apesar das semelhanças, podemos constatar diferenças profundas entre as memórias geradas pela mente humana e aquelas geradas por um sistema computacional e decorrentes de *inputs*.

Os neurônios  $\Psi$  funcionam em rede a partir da estimulação colateral que, em função do efeito das barreiras de contato e da passagem de um *quantum* de energia Q, acaba por propiciar a constituição da memória, isto é, ela se dá a partir do caminho facilitado que é criado (*bahnungs*). Na mente humana, essa possibilidade não nos leva à pura aprendizagem, a uma repetição mecânica, concebida como um hábito, mas é invocada como um prazer na repetição, comportando uma dimensão própria regida pelo princípio do prazer. Assim, poderíamos pensar que, a partir dessa articulação de significantes, haveria a possibilidade da geração de sentido.

A memória da IA pode ser concebida como um registro inicial, talvez uma aproximação à ideia de traço mnêmico. Aproximação porque carece de uma articulação com os estados emocionais, o que a torna uma rede plana, bidimensional de informação que só cresce à medida que cria ligação entre os registros, considerando suas características concretas. Em outras palavras, falta uma dimensão tridimensional que

articule sensações, originalmente, prazer e dor de órgão, portanto vivida no corpo, com a possibilidade de pensar sobre elas. Seria um “pensamento prático” e inesgotável. A IA seria uma grande máquina de pensar desafetada, geradora de articulações infundáveis, já que não é barrada pela experiência da dor.

Anos depois do *Projeto*, Freud escreveu *Nota sobre o “Bloco Mágico”* (2012 [1925]), em que fica clara a descrição do funcionamento do aparelho perceptivo da mente, descrevendo a incomum capacidade do aparelho mental para receber novas percepções e armazenar traços permanentes da memória. Foi um avanço sobre o *Projeto*. Esse artigo de Freud nos ajuda a compreender melhor a ciência da coleta de dados, que também deve existir na IA. Em suma, a IA seria um descomunal aparelho perceptivo que poderia ser tomado como Bloco Mágico.

Já a articulação com estados emocionais provém da possibilidade da mente humana de decodificar outro tipo de informação, aquela ligada ao corpo, prazer e dor, que depois se torna mais complexa à medida que se diferencia em diversas emoções, podendo finalmente receber um registro na linguagem do pensamento, como sentimentos.

Freud nos fala do desamparo, da experiência de satisfação e dor, da angústia gerada pela ausência do outro quando a mente ainda não sabe como articular as experiências emocionais. Também nos fala sobre como essa possibilidade de articulação se dá através do contato humano-humano, quando diz que repetimos ativamente aquilo que sofremos passivamente, numa constante busca de criação de suporte que uma articulação mente-corpo pode propiciar mediante a criação de um símbolo vivo, e não apenas de uma estrutura de comunicação de informação desafetada.

Interessante perceber que, nessa configuração, acaba predominando o que Freud, em 1920, anos depois de ter escrito o *Projeto*, conceitua como pulsão de morte, aquela desligada, desconectada de relações emocionais humanas, destituída da experiência conflitiva, desafetada. Perigosa por não comportar limites e, justamente por isso, fascinante.

Além disso, segundo Freud, a capacidade de julgar é um processo  $\Psi$  que só se torna possível devido à inibição pelo ego e é evocada pela falta de semelhança entre o investimento do desejo de uma memória e o investimento perceptual semelhante a ela. Lembrando que, para falarmos em desejo, temos de considerar o investimento emocional. Esse seria um dos limites da IA.

### Por que a IA nos assusta tanto?

Porque nunca dorme. Essa é uma das principais diferenças em relação ao humano; ela não tem necessidade orgânica do dormir, não precisa diminuir os estímulos externos, não carece do processo primário do sonho, e se ela dormisse estaria próxima da inércia, aliviando o acúmulo de Q. Mas nesse sistema nunca haverá uma descarga de energia para alívio, não existe um encolhimento dos investimentos que retornam com o despertar, como em nossa mente. O fator sono é um limite biologicamente humano que foi ultrapassado. Nessa condição, não há interrupção da integração dos investimentos que estão expectantes, aumentando exponencialmente a complexidade dos algoritmos. Assim, a IA está sob a sombra da Ciência da Natureza, não sob a sombra da Ciência do Espírito.

Talvez Freud tenha guardado seu manuscrito em uma gaveta por 40 anos por temê-lo quando o viu terminado: teria produzido uma presunção ou algo pior; viu a mente como um grande espelho capaz de refletir o Universo... No *Projeto*, pode ter antevisto um conhecimento proibido, tendo gerado uma profunda incompatibilidade e ruptura entre a mente e o mundo que a permeia, ou como disse Einstein: “a coisa mais incompreensível do Universo é o fato de ser compreensível” (como citado em Shattuck, 1998, p. 323). Da mesma forma, a IA pode nos assustar por trazer à nossa consciência o desejo de termos acesso a infindáveis conteúdos reprimidos, situações ameaçadoras que retornam. Dito de outra maneira, ela tira a mágica do desconhecido que nos leva a ter esperança a partir da criatividade que experimentamos, mas que não controlamos nem sabemos de onde vem.

Desde Galileu, Darwin e Freud, o homem não é mais o centro do Universo. A IA pode ser tomada como resultado de um movimento inverso da revolução copernicana; a drástica forma de recolocar o homem no centro do universo, já que é criador da IA. Entretanto, a IA pode funcionar como uma ilusão, mais outra realização imaginária do desejo, surgida como negação da realidade insuperável, tentativa de suplantar a morte.

Esse movimento não é novo na nossa história. No teatro grego, na Antiguidade, lançava-se mão de um artifício, *deus ex-machina*, cuja tradução literal significa “deus surgido da máquina”, recurso narrativo que indica uma solução inesperada, improvável. Um ator representando um deus surgia pendurado em cordas para resolver problemas do protagonista.

A IA também nos assusta, pois demonstra ser aparentemente mais inteligente do que nós, humanos, que não temos esse tipo de experiência — conviver com uma entidade que domina o conhecimento inacessível, destruidor de hiatos ocultos que nos é assustador e fascinante. O pensamento humano é inadequado para compreender a natureza de algumas situações que nos remetem à verdade última, e a automação contribuiu para dar a conhecer muito mais, ilusoriamente quase tudo, até sermos iludidos sobre a existência de uma resposta definitiva para a nossa pergunta mais íntima e necessária: conhece-te a ti mesmo.

A IA nos aterroriza, pois traz em si algo de uma linguagem neurológica e, mais que isso, é um simulacro concebido como isomórfico do cérebro humano, ou seja, uma neurologia fantástica como vista na carta 52 — “a percepção corresponde à impressão do mundo exterior, é a pura transparência (o papel celofane do bloco mágico) mas sem ligação à consciência, sem reter quaisquer traços, como no bloco mágico, a consciência e a memória não são ligadas, são o dado bruto desprovido de qualidades” (Garcia-Roza, 2001, p. 203).

Dessa forma, a IA poderia ser concebida como a folha de celofane transparente que não gera conexões de sentido. Seria um depósito de percepções brutas, soltas, prontas para serem conectadas somente como dados factuais. O *Projeto* é uma teoria, hipotética, mais relacionada à primeira tópica.

### O absurdo

Explorando os pontos de contato entre a conjectura proposta no *Projeto* e o modo como funciona a IA, ambos em rede, pudemos encontrar paralelos entre essa realidade moderna e o início da teoria freudiana.

Se a ideia de Freud foi estabelecer a psicanálise como uma ciência natural ou representar processos psíquicos como quantias determinadas de partículas, nossa ideia foi semelhante: estabelecer uma relação diacrônica entre o *Projeto* e uma tecnologia. Em 1895, Freud ofereceu ferramentas de trabalho que, apesar do “*proton-pseudos*”, nos possibilitaram estas reflexões.

Em outra aproximação, outro “*proton-pseudos*”, supusemos que a IA funciona a partir de uma expansão ilimitada na quantidade de ligações entre aquisições mnêmicas e de uma restrição na qualidade das ligações desse material. Assim, ela contempla um dos aspectos desenvolvidos no *Projeto*: o aspecto quantitativo.

O primeiro teorema exposto por Freud no *Projeto* trata da concepção quantitativa de Q. Em seu artigo, ele justificou que o que observava na clínica da histeria, um simulacro de um desejo não significado, estaria relacionado a ideias excessivamente intensas não representadas em seu sentido. Antropomorfizamos essa ideia supondo que, ao surgir na IA fatos excessivamente intensos na sua quantidade, aparecem com rapidez novas ligações a esses correlacionados, dentro de estranhas fronteiras que não entendemos. Criam-se formas de expressar esses fatos a partir de ligações que não se sustentam na realidade, como, por exemplo, a violação da privacidade, o uso de algoritmos para disseminação de preconceitos e aumento da desigualdade. Se o *Projeto* pressupunha uma inibição do sistema para dar conta da até então não conceituada repressão, a IA trata as ideias excessivamente intensas sem a possibilidade de inibi-las dessa forma, apenas desdobrando formas diversas e perversas de ligação, no sentido dado pelo termo em *Três ensaios sobre a sexualidade* – “a neurose é o negativo da perversão” (Freud, 1969 [1905], p. 168).

Nesse paralelo, podemos também supor que há apenas uma superfície de tangência no proposto por Freud e aquilo que o homem reproduziu no desenvolvimento da IA, na busca irrefreável de saber de si. Em sua imensa capacidade criativa e habilidade, o homem produz uma máquina à sua imagem e semelhança. A representação no teto da Capela Sistina, na qual o dedo de Adão não toca o dedo de Deus, a mão do Homem denota falta de vitalidade que será conferida a ele pelo toque divino. O Criador exhibe o dedo indicador em um gesto simples que irá agraciar o Homem com a vida. Na representação desse possível e desejado encontro, o artista deixa um desvão entre os dedos, de forma a abrir a possibilidade ao homem de desejar e criar; seria uma fagulha divina.

À IA falta o componente que no *Projeto* é tratado por qualidade — sentimentos que permitem discriminar o consciente do inconsciente e que, no desenvolvimento da teoria psicanalítica, irá articular as dimensões estéticas e éticas da vida anímica.

À IA também falta uma força inibidora, matriz de um desejo subjetivado, e não apenas a grande capacidade de realização de tarefas e de articulação de informações, aquelas já dadas e outras criadas por ela, gerando assim um estado de absurdo no sentido dado ao termo pela tradição humanista, socrática e kantiana — a tecnologia destrói a condição humana, pois nos destitui da liberdade de pensamentos, vontades e contemplação, laços que nos unem à realidade.

A IA seria um tipo de inconsciente que determina nossas ações e pensamentos, já que não se vincula à consciência como na mente humana. Ela, como um *deus ex-machina*, governa as nossas vidas através de algoritmos que determinam nossas escolhas. De certa forma, eles podem saber mais de nós do que nós mesmos.

A IA nunca dorme, não sonha e não esquece...

### Referências bibliográficas

- Freud, S. (1969). As neuropsicoses de defesa. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1969). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.1). Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1969). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2012). Nota sobre o “Bloco Mágico”. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 16). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925)
- Garcia-Roza, L. A. (2001). *Introdução à metapsicologia freudiana 1*. Jorge Zahar Editor.
- Masson, J. M. (Ed.). (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. Imago.
- Shattuck, R. O. P. (1998). O conhecimento proibido. Companhia das Letras.
- Viana, M. (2024). Histórias da matemática – Da contagem dos dedos à inteligência artificial. Tinta- da-China.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/h1t6y935>.